Esse simpósio reunirá filósofos, físicos, antropólogos, sociólogos, psicólogos, cientistas políticos e jornalistas, que atuam como pesquisadores, educadores e produtores de conhecimento de natureza interdisciplinar, para refletir e provocar ações a partir de suas utopias.

Os palestrantes irão abordar o tema da utopia, tratando-o de forma abrangente, e sugerindo novas perspectivas.

Você está convidado a ousar conosco estabelecendo um diálogo sem hierarquias, que permita a exploração de novos lugares do saber, do ser-no-mundo, da produção de novos mundos.

Ao penetrarmos nesse campo da utopia – esse não lugar – somos impulsionados pela intuição do que seria, não somente o sonho datado de mudar o mundo, mas alterar o microcosmo à nossa volta, ou, quem sabe, mudar de mundo, recorrer a novas forças, novas intercessões, emergir e até mesmo incendiar ontologias, redirecionar nosso olhar sobre o que existe – o real e o imaginário –, excitando o que não existe, de modo a permitir que o novo produza uma textura com inspirações éticas.

Mário Novello
COORDENADOR DO CEAC

Nelson Job
COORDENADOR DOS TRANSABERES

ORGANIZADORES

MODELO COSMOLÓGICO DE ALBERT EINSTEIN
1917
2017
100 ANOS

13 DE SETEMBRO | QUARTA-FEIRA

9h30

Abertura

10h

O vácuo quântico

José Abdalla Helayël-Neto

11h

A cosmologia de Einstein

Mário Novello

RENASCIMENTO DAS UTOPIAS

13 DE SETEMBRO | QUARTA-FEIRA

14h

O apogeu das contra-utopias

Wanderley Guilherme dos Santos

Uma diferença crucial entre a fabulação utópica e o pesadelo contra-utópico refere-se à estrutura dos argumentos: utopias resultam das descrições literárias de suas características topográficas, sociais e políticas, mas sem atributos dinâmicos; não há explicação do seu funcionamento. Ademais, são raramente mencionados os processos de reprodução do mundo utópico, a propriedade dos dispositivos que evitem decadência ou conflito, externo ou interno. Daí sua associação, no imaginário popular, entre utopia e paraíso, mesmo quando certas características promovam restrições severas ao que, no momento de sua elaboração, seria considerado pela audiência como uma condição natural ou benéfica. As contra-utopias, em giro radicalmente oposto, se ocupam de processos mórbidos, de lógicas tortuosas, de associações imprevistas que, a partir do mundo não utópico existente, aporta em paisagens e sociedades em ato de reprodução de si próprias. Se a fabulação utópica nega o existente pelo imaginário, a contra-utopia condena o existente pelo desenlace de seu excesso. De onde seu apelo em momentos de crise profunda.

15h

A simplicidade da utopia

Mércio Gomes

A *Utopia* (1516) de Thomas More é o livro que origina na imaginação dos europeus a ideia de que o mundo pode ser mudado pela vontade e pela inteligência dos homens. O mundo não é um artefato divino, uma imitação tosca do Paraíso, mas um constructo humano, cheio de defeitos, mas que pode ser melhorado. Em primeiro lugar, este foi o propósito da *Utopia*. Em segundo, a *Utopia* não foi feita para provocar revoluções e sim para aconselhar a elite a fazer algumas mudanças essenciais em suas sociedades, diminuir a avareza e o egoísmo, cultivar a modéstia, socializar os produtos do trabalho, e valorizar a inteligência e a ciência emergente. Em terceiro, a *Utopia* foi feita para a Inglaterra (More era conselheiro do rei Henrique VIII), que era uma Nação-ilha em ascensão. Em quarto, a *Utopia* poderia servir de exemplo para outros países europeus. Por fim, a *Utopia* se espelha na sociedade Tupinambá, que aparece disfarçada de muitas formas, para o quê um olhar antropológico pode desvendar e com isso trazer tudo de volta ao Brasil.

16h

O espírito da utopia

Luiz Carlos Bombassaro

Buscar o sentido da utopia pressupõe admitir, contrafaticamente, sua própria origem fundada na temporalidade que caracteriza o humano. O desejo de superação dessa condição existencial aponta para o desconforto e o descontentamento com um determinado estado de coisas, mas também projeta a configuração de outro estado de coisas, num outro tempo, num outro lugar. As tentativas de determinação e realização do espírito da utopia são elas mesmas os sinais mais evidentes de suas possibilidades e de seus limites. Sua efetividade, no entanto, consiste em que a utopia venha a realizar – plenamente – e ela permaneça – para sempre – um projeto. Desse modo, considerada narrativa do poder ser, a utopia revela modos plurais de interpretar, compreender e, quiçá, também de transformar o mundo.

14 DE SETEMBRO | QUINTA-FEIRA

9h

É necessário, o impossível

Carla Ferro

Não é difícil reconhecer modos diferentes de vida, de relações entre as pessoas e das pessoas com o seu entorno quando se trata de observar uma outra cultura, distinta da nossa. Sabemos que existem outros entendimentos sobre a existência, dos quais emergem necessariamente outros valores e outros campos de ações possíveis, seja em outros lugares no tempo ou no espaço. O que parece mais difícil perceber como válidos são outros modos de estar no mundo que se fazem presentes aqui, neste tempo e neste espaço, configurando-se não como um mundo à parte, mas como outros agenciamentos dos elementos deste mundo. Uma tentativa de olhar para esses agenciamentos novos no campo da educação é o objetivo desta comunicação.

10h

Utopias científicas de Gödel a Markov

Mário Novello

Ao longo do século XX, os físicos construíram teorias, modelos de interpretação de fenômenos, que permitem o desabrochar de configurações extraordinárias, inesperadas e até mesmo fantasiosas, impossíveis de serem observadas no cotidiano. Embora organizadas no interior da prática científica, elas exibem propriedades tão singulares, incomuns, que foram postas à margem do discurso convencional da ciência, como se fossem impossibilidades formais, o que em verdade elas não são. Curiosamente, algumas dessas configurações povoam há muito o imaginário popular, como por exemplo, a construção formal de caminhos que levam ao passado e estruturas complexas representando universos interpretados como átomos de um universo maior. Essas formas são entendidas como utopias controladas, isto é, processos admitidos no esquema convencional da ciência identificados como exemplos de configurações irrealizáveis, que, embora descritas no interior de teorias científicas aceitas, produzem imagens conflitantes não só com o senso-comum como também com o *establishment* científico. Como consequência, elas são colocadas no limbo, à parte das afirmações científicas usuais. E, no entanto, a teoria sobre a qual esses processos se sustentam, aceita integralmente como verdadeira, os tornam parte integrante do mundo descrito pela ciência.

11h

Habitar Vortexa

Nelson Job

Vortexa está sendo cocriada agora por nós, onde os transaberes se estendem enquanto autogestão social. Em Vortexa, a política, a educação, a ciência, o urbanismo, a economia, a saúde, a espiritualidade, a linguagem e a festa ocorrem em um plano ético, livre e correlacionado. Esse plano é apreendido enquanto uma "epistemontologia", ou seja, o "conhecimento" é desdobrado na intuição enquanto método, o que leva a compor-se através de devires e não "essências". Vortexa constitui-se enquanto uma transtopia.

14h

Brasil, a retomada do caminho perdido

Luis Nassif

O Brasil teve seu momento de grande país. Durante alguns anos, montou políticas sociais avançadas, ensaiou políticas industriais, desenvolveu políticas científico-tecnológicas, reconstruiu a indústria de defesa, trabalhou políticas regionais, inovou no modelo educacional, assumiu protagonismo inédito na diplomacia internacional, mas manteve imprudentemente políticas monetária e cambial destrutivas. Nesse período, a academia logrou elaborar diagnósticos, e avaliações críticas, com uma visão sistêmica de desenvolvimento. Tem-se hoje em dia um país complexo, uma sociedade diversificada, uma federação inconclusa, mas com um ponto de partida claro: a capacidade teórica de desenhar o futuro. A reconquista da capacidade de sonhar, portanto, já sai de um ponto inicial avançado: a recuperação dos diagnósticos e das políticas públicas bem-sucedidas, desenvolvidas nas últimas décadas, adaptadas para uma nova realidade, em que o velho precisa ceder lugar ao novo, que nasce pujante e desorientado.

15h

Lutas anarquistas hoje – entre a utopia e as heterotopias

Acácio Augusto

A utopia sempre foi usada por liberais, neoliberais, socialistas autoritários e sociais-democratas como forma de desqualificar a anarquia enquanto ideia irrealizável relegada ao futuro. Mas em meio as suas lutas pela sociedade livre e igualitária, os anarquistas constituíram um conjunto de práticas produzindo outros espaços, como experiências heterotópicas. Formam uma cultura libertária que se revigora nas lutas contemporâneas desde os acontecimentos de Seattle em 1999 como atitude de revolta que se multiplica e se atualiza em espaços libertários e enfrentamentos de rua. Esta é a antipolítica que se apresenta como produção de uma vida militante. Esta proposta visa apresentar essas lutas como práticas heterotópicas e atitude diante das atuais tecnologias de governo das condutas.

16h

Utopia e tempo

Newton Bignotto

Partindo do pensamento político do Renascimento, começamos com a análise comparativa entre Maquiavel e Thomas Morus. Usaremos do conceito de tempo e de história para mostrar o que aproxima e o que separa esses dois pensadores. Em seguida, vamos mostrar como as utopias do mundo contemporâneo, como de certa forma previra Maquiavel, ao olhar exclusivamente para o futuro, acabaram por perder a força crítica e se perderam na construção de mundos imaginários. Na parte final da palestra, vamos retornar ao Renascimento, para mostrar, como diferentemente do que ocorreu na modernidade, as utopias eram, sobretudo, constructos críticos e que, dessa maneira, estavam longe de se perder na pura imaginação do futuro, mantendo os vínculos com o passado e o presente. Demonstrar o poder de crítica das utopias e de superação das mazelas do presente constitui o cerne de nossa apresentação.

17h

A vida é feita de reentrâncias: existir não cabe em modelos

Veetshish Om

Conhecimento tem tendência a um simplismo, uma economia que não se aproxima da complexidade viva. Portanto, o pensar, como um dos elementos vivos – mas apenas um deles – deve ser colocado numa dimensão incluída num compreender mais amplo, que chamaremos de sabedoria. A complexidade viva é simples, e não simplista. Quero introduzir uma forma de expressão, onde o simples não se contrapõe ao complexo. Para esta antinomia, vou usar o termo simplista. Chamarei aqui de SIMPLES à espontaneidade viva. Agora, e antes de prosseguir com o convite à investigação do que é utopia, também é necessário apresentar-vos o que é chamado de espontâneo. Distingue-se espontaneidade regida pelos impulsos mais primitivos, o que Freud percebeu como qualidades do "id", da espontaneidade vida. Linhas imaginárias e reentrâncias vivas.

15 DE SETEMBRO | SEXTA-FEIRA

9h

O que é a filosofia de um pensamento nômade?

Auterives Maciel

O texto trata de uma imagem do pensamento que define uma filosofia com vocação minoritária pela criação de conceitos constituídos por um desejo de fazer fugir o campo político sitiado por representações. Aqui, pensar expressa um modo de vida alternativo, que valoriza a experiência do fora contra os aparelhos que submetem os viventes aos valores estabelecidos e normatizados pela cultura. Sendo assim, um pensamento filosófico singular se diz de uma vida que traça sua forma de existir através de um combate contra as sujeições da filosofia tradicional, criando os conceitos e a língua que ilustram um modo minoritário de viver. Nossa meta é definir a filosofia que se instaura nesse processo.

10h

Cidade ou aldeia? Trabalho ou brincadeira?

Renato Noguera

No contexto de um evento sobre o renascimento de utopias, a proposta é defender utopias presentes. Diante do fracasso das cidades urbanas contemporâneas, propomos transformá-las em aldeias assumindo tecnologias indígenas e quilombolas. O quilombismo e o aldeísmo são guias teóricos e metodológicos importantes. Em paralelo, vamos optar pela brincadeira criticando o trabalho como possibilidade de emancipação e categoria ontológica da condição humana, valorizando a ludicidade como atividade que estabelece uma interdependência comunitária satisfatória. Vamos usar autorias variadas como Maulana Karenga, Marimba Ani, Mogobe Ramose, Davi Kopenawa e Hakim Bey.

11h

Encerramento

por Mário Novello e Nelson Job

CONCEPÇÃO *Gláucia Pessoa*
REVISÃO *Elisa Sankuevitz*
PROJETO GRÁFICO *Ampersand Comunicação Gráfica*